



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO CIÊNCIAS SOCIAIS E
HUMANAS – LICENCIATURA**

TAÍS PIVA

**O PAPEL DA MULHER NA HISTÓRIA DO ASSENTAMENTO
INDIANÓPOLIS, NO MUNICÍPIO DE ABELARDO LUZ/SC
SUAS LUTAS E OPRESSÕES**

LARANJEIRAS DO SUL

2019

TAÍS PIVA

**O PAPEL DA MULHER NA HISTÓRIA DO ASSENTAMENTO
INDIANÓPOLIS, NO MUNICÍPIO DE ABELARDO LUZ/ SC:
SUAS LUTAS E OPRESSÕES**

Trabalho de conclusão do curso como requisito parcial para obtenção do título de graduada no curso Interdisciplinar em Educação do Campo - Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS - *Campus* Laranjeiras do Sul PR.

Orientadora: Prof.(a) Dra. Maria Eloá Gehlen

LARANJEIRAS DO SUL

2019

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Piva, Tais

O PAPEL DA MULHER NA HISTÓRIA DO ASSENTAMENTO
INDIANÓPOLIS, NO MUNICÍPIO DE ABELARDO LUZ/ SC: SUAS
LUTAS E OPRESSÕES / Tais Piva. -- 2019.
31 f.:il.

Orientadora: Doutora Maria Eloá Gehlen.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso
Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais
e Humanas-Licenciatura, Laranjeiras do Sul, PR, 2019.

1. Mulheres. 2. Líderes. 3. Patriarcado. 4.
Machismo. 5. Empoderamento. I. Gehlen, Maria Eloá,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

TAÍS PIVA

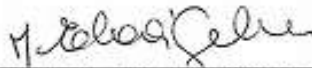
**O PAPEL DA MULHER NA HISTÓRIA DO ASSENTAMENTO INDIANÓPOLIS,
EM ABELARDO LUZ: SUAS LUTAS E APREENSÕES**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Laranjeiras do Sul.

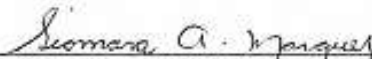
Orientador(a): Profa. Dra. Maria Eloá Gehlen (UFFS)

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 03/12/19

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Maria Eloá Gehlen (UFFS)
Presidente / Orientador(a)



Profa. Dra. Siomara Aparecida Marques (UFFS)
Avaliador(a)



Profa. Ma. Lucimara Lemiecchek (UFFS)
Avaliador(a)

AGRADECIMENTOS

Ao longo desses quatro anos e meio de curso passei por muitas dificuldades, dentre elas a distância de ter que me deslocar até a Universidade, morando em outro estado, Santa Catarina. Também dificuldades aconteceram em questões pedagógicas. Porém, mantendo a Fé em Deus, não deixei de acreditar nos meus objetivos, de ser uma educadora responsável com os educandos e com a educação como um todo.

Agradeço primeiramente a Deus, a meus pais: Marli Alves de Lima Piva e Alveri Piva, aos meus irmãos Mateus Piva e Giovani Piva e ao meu marido Sandoval Barbosa. Pessoas que ao longo desses anos sempre me apoiaram. Trago a certeza de que se não fosse por eles não chegaria até aqui. O ano de 2019 foi de muitos agradecimentos além da tão esperada formatura, espero meu bem mais precioso, meu filho Arthur. Desde que soube que você chegaria só aumentou minhas forças para poder continuar minha caminhada.

Agradeço também aos professores ao longo da minha caminhada, os quais fizeram um excelente trabalho; especialmente a minha orientadora Maria Eloá pela dedicação e orientação, quem ajudou muito para que pudesse concluir meus trabalhos, incentivando para não desistir e me mostrando que sim, eu sou capaz.

Grata a Universidade Federal Fronteira Sul pela oportunidade dada a uma filha de acampados da reforma agrária, para que pudesse concluir um curso superior.

Obrigado a todos pelo apoio ao longo dessa jornada!

RESUMO

Mediante o tema do papel da mulher no contexto do assentamento Indianópolis, no Município de Abelardo Luz, SC, esse trabalho tem por objetivo analisar o histórico do Assentamento e qual o papel das mulheres, sua participação na luta pela conquista da terra, sua presença ou não na direção desse assentamento. A pesquisa será efetuada por meio de pesquisa qualitativa, com entrevistas semiestruturadas com cinco mulheres assentadas, presentes desde o início da ocupação. Será efetuada análise de conteúdo, das entrevistas examinadas de acordo com Bardin (1977). Parte-se da perquirição se há entraves ou acomodação para a não presença de lideranças mulheres no assentamento. Espera-se com esse trabalho clarear os motivos da não inserção das mulheres em postos de comando no assentamento, tendo por luz as questões atinentes ao machismo, ao patriarcado, a condição dada à mulher de ser o sexo frágil, de como ela pode empoderar-se para compreender e assumir cargos de chefia em assentamentos ou em qualquer outro espaço da sociedade civil. As questões referentes à inferiorização das mulheres, apresenta-se não só hoje, mas desde o início do Assentamento Indianópolis, no Município de Abelardo Luz, SC onde a pesquisa foi efetuada. Pretende-se ter uma visão ampla a respeito do tema, com destaque para o papel que a mulher deve exercer como liderança e lutadora por seus direitos na comunidade e na sociedade em geral, tendo os mesmos direitos como qualquer cidadão.

Palavras-Chaves: Mulheres, Líderes, Patriarcado, Machismo, Empoderamento.

ABSTRACT

Facing towards the theme of women's role in the context of the Indianópolis Landless Workers' Movement Settlement, in Abelardo Luz, Santa Catarina, Brazil, this work aims to analyze this settlement's historical in order to find out what is the role of women in this place, their participation in the struggle for land and their presence or not as leaders in this settlement. The work will be performed through qualitative research, with semi structured interviews with five settled women, who are present there since the beginning of that rural occupation. The content of the interviews will be analyzed according to Bardin. The first step is to raise the question whether there are any barrier or resignation to the inexistence of women in leadership roles in the aforementioned settlement. Through this work it is expected to clarify the motivation behind the non-insertion of women in positions of direction in the settlement, having into account some questions concerned to sexism, patriarchy, the condition given to women as a fragile sex and how they can empower themselves in order to understand and lead on the settlement or any other place in society. The questions related to women undermining are not new, but exist since the beginning of the Indianópolis Settlement, in Abelardo Luz – where the research will be held. It is intended to have a broad view on the subject, with highlights to the roles women must embrace as leaders and fighters for their rights in their own community, as well as in the society in general, seeking to have the same rights as any other citizen.

Key-words: Women. Leaders. Patriarchy. Sexism. Empowerment.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Imagem do Municio de Abelardo Luz SC.....	12
FIGURA 2: Primeira escola construída no acampamento	14

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	9
2.	CAPÍTULO I: AS MULHERES E A LUTA PELA TERRA NO ASSENTAMENTO INDIANÓPOLIS, MUNICÍPIO DE ABELARDO LUZ, SANTA CATARINA.	11
2.1	HISTÓRICO DO ASSENTAMENTO INDIANÓPOLIS, ABELARDO LUZ/SANTA CATARINA.....	11
2.2	PAPEL QUE A MULHER EXERCEU E EXERCE AO LONGO DA HISTÓRIA NO ASSENTAMENTO INDIANÓPOLIS MUNICÍPIO DE ABELARDO LUZ, SANTA CATARINA.....	15
3.	CAPÍTULO II: UM OLHAR SOBRE O PATRIARCADO AO MATRIARCADO, AO MACHISMO E A MISOGÍNIA.....	18
3.1	O EMPODERAMENTO FEMININO.....	22
4.	CAPÍTULO III-A REALIDADE DAS MULHERES DO ASSENTAMENTO INDIANÓPOLIS: ENTREVISTAS REALIZADAS.....	24
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS.....	29

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa foi desenvolvida mediante o tema do papel da mulher no contexto do assentamento da reforma agrária Indianópolis, no Município de Abelardo Luz, estado de Santa Catarina.

O objetivo é analisar o histórico do Assentamento assim como, a representatividade das mulheres, sua participação na luta pela conquista da terra e a sua presença ou não na direção desse assentamento.

A pesquisa será efetuada por meio de pesquisa qualitativa, com entrevistas semiestruturadas com 4 mulheres assentadas, presentes desde o início da ocupação e 1 homem assentado além da revisão bibliográfica. A análise de conteúdo das entrevistas será realizada de acordo com Bardin.

Parte-se da pergunta se há entraves ou acomodação para a não presença de lideranças mulheres no assentamento? Assim, espera-se com esse trabalho clarear os motivos da inserção ou não das mulheres em postos de comando no assentamento, tendo por luz as questões atinentes ao machismo, ao patriarcado, o matriarcado e a misoginia.

Desse modo, no primeiro capítulo, apresento o histórico do assentamento da reforma agrária Indianópolis, no Município de Abelardo Luz, estado de Santa Catarina. Na sequência é efetuada uma abordagem quanto ao papel que a mulher exerceu e exerce, na história desse assentamento. Já no segundo capítulo é dado relevo aos conceitos de machismo, patriarcado, matriarcado e misoginia, enquanto que no terceiro capítulo é desenvolvida a pesquisa com as entrevistadas desse assentamento.

É necessário conhecer a história do espaço onde vivemos, moramos e trabalhamos, assim como observar as questões atinentes ao gênero feminino.

A presente pesquisa partiu da necessidade e da curiosidade da autora em conhecer, com maior profundidade a história do acampamento que gerou o assentamento Indianópolis, no Município de Abelardo Luz, no estado de Santa Catarina.

Por ser filha de assentados da reforma agrária e ter um pouco mais de 20 anos, nasci e me criei dentro da realidade dessa comunidade.

Porém, me instiga a pesquisar o porquê da pouca representatividade das mulheres nos cargos de liderança do assentamento. Fiquei pensando: será que no acampamento também era assim?

Verifica-se por observação participante, na atualidade, a falta de respeito e consideração com as mulheres que exercem a liderança, nesse assentamento. Isso motivou-me a querer olhar com maior profundidade o tema.

Qual a visão das mulheres a respeito da realidade em que vivem? Como se sentem ao verificar que não ocupam os mesmos espaços de comando dos homens dentro da comunidade? Visto que ter a presença das mulheres, em contexto de acampamentos e depois nos assentamentos, é de suma importância desde as ocupações de terra, pois são elas que desempenham as atividades básicas, durante a ocupação, dentro do acampamento, também depois quando é assentamento.

Quando há possibilidade de confrontos com a polícia militar, em reintegrações de posse, as mulheres são colocadas na linha de frente. Porém, quando o assentamento é estabelecido, o lugar delas é subalterna.

Parte-se daí a intenção da pesquisa pois sabe-se que as mulheres na liderança exerceriam o trabalho nas mesmas condições que um homem, mas infelizmente não tem tantos espaços assim.

2. CAPÍTULO I: AS MULHERES E A LUTA PELA TERRA NO ASSENTAMENTO INDIANÓPOLIS, MUNICÍPIO DE ABELARDO LUZ, SANTA CATARINA.

Nesse capítulo apresento o histórico da luta pela terra no Município de Abelardo Luz, estado de Santa Catarina até a vitória com a conquista do assentamento Indianópolis. Após, trato do papel que as mulheres exerceram e exercem, desde o acampamento até o assentamento.

2.1 HISTÓRICO DO ASSENTAMENTO INDIANÓPOLIS, ABELARDO LUZ/SANTA CATARINA

A história do município se confunde com os conflitos e discussões originados pela posse e demarcação das terras da região, localizada entre os rios Iguaçu e Uruguai, nos fins do século XVIII. Nessa época, a área era habitada por índios Guaranis e Caingangues, no qual se aportuguesou, povos que ainda vivem na região, localizados próximos a cidade de Abelardo Luz, na divisa com o município de Palmas, no Estado do Paraná.

Com passagem obrigatória para a colônia de Xanxerê, no início do século XX, o Município de Abelardo Luz era ponto de parada na estrada das Missões, por onde passavam militares e tropeiros. Integrante da antiga Colônia Militar de Chapecó, denominada Chapecó Grande, fazia parte do distrito de Diogo Ribeiro (hoje São Domingos), com o nome de Passo das Flores.

A família de João de Oliveira foi a primeira que habitou a região, deixando marcas na Fazenda Alegre do Marco, depois vieram as famílias de Messias de Souza e Leocácio dos Santos. No entanto, o povoamento efetivo somente ocorreu nas últimas cinco décadas com a chegada de migrantes paulistas, paranaenses e gaúchos, de origem italiana e alemã. As famílias vinham atraídas pela grande quantidade de madeira existente na região e também pela qualidade do solo para a agricultura e pecuária.

Em 1922, foi elevado a categoria de distrito, com o nome de Abelardo Luz, em homenagem ao filho de Hercílio Pedro da Luz, "Abelardo Wenceslau da Luz". Em 21 de junho de 1958, se desmembrou do município de Xanxerê, conquistando a emancipação pela Lei

Estadual nº 348/58, tendo a sua instalação oficial em 27 de julho de 1958, com o Prefeito Provisório, Gerônimo Rodrigues.

Atualmente o Município de Abelardo Luz, Santa Catarina possui 17 mil habitantes. É a capital da semente da soja, do oeste catarinense, com acampamentos e reforma agrária, que tiveram início no ano de 1985, dando origem há 23 assentamentos com o apoio do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra). Esses 23 assentamentos estão divididos em 1.500 famílias. Nesse Município há várias áreas de fazendas produtoras da semente de soja.

FIGURA 1: Imagem do Município de Abelardo Luz SC



Fonte: Google imagens.

O Município de Abelardo Luz/Santa Catarina, conta com vários produtos oriundos da agricultura familiar. A maioria das famílias em áreas de assentamentos tiram seu sustento da venda de leite, além de produzirem alimentos para seu autossustento, como feijão, arroz, hortaliças, cereais.

No entanto, o tema de pesquisa é a respeito de um desses assentamentos: o assentamento Indianópolis, visando a história das mulheres, desde as ocupações até a conquista da terra, visando os entraves para a não presença de lideranças mulheres no assentamento.

O histórico do assentamento Indianópolis, não tem base documental. Assim, o histórico do assentamento (também quando era acampamento), irá se basear em relatos de moradoras antigas do assentamento, desde quando era acampamento. Elas fizeram a retrospectiva de como

era naquela época até os dias atuais, com datas e fatos que ocorreram ao longo dos 25 anos de história do acampamento e depois assentamento Indianópolis.

O assentamento Indianópolis foi dividido em duas comunidades, com a mesma quantia de famílias; na Indianópolis I, se localiza a comunidade Boa Vista, e na Indianópolis II, a comunidade Boa Esperança.

A comunidade Boa Vista (Indianópolis I) contava com posto de saúde até o ano passado porém não mais existe por falta de espaço acessível, fazendo com que os pacientes se dirijam ao posto de saúde mais perto (7 Km), localizado no assentamento José Maria.

O acampamento Indianópolis surgiu no dia 02 de dezembro de 1993 com 136 famílias acampadas, área que pertencia antes a fazendeiros. Algo curioso que pode se destacar é que com 12 dias de acampamento veio a liminar do juiz determinando o despejo das famílias acampadas. Esse fato demonstra como foi célere o Poder Judiciário, quando se trata de ações de reintegrações de posse contra famílias Sem-Terra.

Então, o Conselho do Acampamento solicitou ao Prefeito do Município de Abelardo Luz, na época o Sr Valdir Sgarbossa (PDT), um pedido para gestionar junto à Secretaria de Segurança Pública do estado de Santa Catarina, para aguardar a decisão do Governo Federal. Não houve dentro do acampamento Indianópolis, confronto armado. Assim, no dia 19 de dezembro de 1993, houve a desapropriação dessas terras, com a assinatura do Presidente da República Itamar Franco (PMDB).

Em 1995, houve a medição dos lotes, com 90 famílias assentadas; o restante das famílias (46), se dirigiram para outros acampamentos, dentro do Município de Abelardo Luz e fora dele. No início do assentamento Indianópolis Abelardo Luz SC, os lotes foram divididos, em média, de 14 hectares por lote; essa divisão continua até hoje.

As famílias receberam um auxílio do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), com o fomento à moradia, com a construção de uma casa por lote de 6/7, (de alvenaria, sem reboco, com banheiro) e auxílio de R\$ 500 reais para que as famílias pudessem se instalar no lote, destinando o dinheiro ao que entendessem necessário. Na época esse valor era uma quantia considerável. Sendo em média 7 salários-mínimos da época.

Ao longo dos 26 anos de existência do assentamento Indianópolis, o INCRA vem oferecendo auxílios para a produção dos assentados. Como um auxílio para reformas das casas.

Em 2018 foi liberado o fomento para as mulheres que estavam assentadas desde o início e ainda morando no lote, no valor de 3 mil reais, sem destinação específica.

O assentamento contava com 02 escolas multisseriadas: 1 escola na Indianópolis I e outra na Indianópolis II, de primeira à quarta série.

Os alunos iam por conta própria até a escola, pois a mesma não tinha transporte escolar. Uma funcionou até o ano de 2018 (Indianópolis I), porém pela falta de estudantes ela foi fechada. Os alunos foram transferidos para a Escola Básica Municipal José Maria localizada no assentamento José Maria, em Abelardo Luz/SC, distante 10 km do assentamento Indianópolis, de Abelardo Luz /SC.

Hoje, é oferecido ônibus escolar para levar os alunos até a escola, demorando 1 hora e meia de trajeto, sendo que a delonga nesse tempo deve-se ao fato de que ele tem de fazer o trajeto pelo assentamento inteiro.

A seguir uma imagem da primeira escolinha que havia sido construída no acampamento em 1995.

FIGURA 2: Primeira escola construída no acampamento



FONTE: Arquivos pessoais, 1995.

2.2 PAPEL QUE A MULHER EXERCEU E EXERCE AO LONGO DA HISTÓRIA NO ASSENTAMENTO INDIANÓPOLIS MUNICÍPIO DE ABELARDO LUZ, SANTA CATARINA

Pode-se perceber que as mulheres ao longo da história do assentamento Indianópolis, em Abelardo Luz/SC, são de importância imensa para a conquista da terra, pois assumiram papéis importantes como: trabalhos na roça, afazeres de casa, limpar, passar, cuidar dos filhos, cuidar dos animais, cuidados da saúde familiar com chás e ervas medicinais.

Porém, elas não se fazem presente na liderança, muitas vezes não tiveram espaço para que isso fosse possível. Desse modo, percebe-se que as mulheres são relegadas a um *status* inferior, ou talvez haja acomodação, medo, ou até mesmo não tendo abertura de espaços para participação, fica inibido o seu lugar de fala. Os comportamentos que levam as mulheres serem vistas como o sexo frágil da sociedade.

Percebe-se, então, a necessidade da mulher se impor a respeito do que ela deseja, sem medo do que a sociedade pensa a respeito de suas atitudes; que não precise se sentir deslocada e tender a negar-se a assumir cargos de liderança dentro do acampamento, assentamento ou do lugar que ela deseja assumir.

Conforme Hryniewicz, Vianna, (2018, p.1)

A dificuldade de chefiar das mulheres é uma realidade, há constante questionamento, teste e preconceito. Para uma mulher, gerenciar homens, principalmente os mais velhos, pode ser um desafio, não é algo comum e as pessoas ainda não estão acostumadas a esse tipo de relacionamento. Por esse motivo, quando as pessoas se deparam com tal situação, elas podem agir com estranheza e não ser tão receptivas ou respeitadas. (HRYNIEWICZ, VIANNA, 2018, p.1)

Pode-se perceber que ao se deparar com uma situação em que uma mulher esteja ocupando um papel de liderança em qualquer âmbito, isto ainda causa certa estranheza, pois não é um fato comum se deparar com uma mulher na chefia e quando ocupam esses espaços o machismo trata como se fosse um acontecimento raro, “anormal”.

Ocupar cargos de liderança na sociedade pode ser um desafio para as mulheres, ainda mais quando se trata de ter que gerenciar homens pois pode ser tratada de forma preconceituosa,

pois para a sociedade machista não é aceitável ser “comandado” por mulheres, sendo que a maioria deles não as consideram não habilitadas para tal.

Para Moraes (2012, p. 277) “As emoções femininas ora são tratadas como profundas”, ora caracterizam a mulher como alguém que se preocupa com “coisas pequenas”. Essas duas posições conflitantes também constituem, na contradição, a identidade feminina”. (MORAES,2012, p.277). As mulheres são estigmatizadas e consideradas como sexo frágil, que se comovem por coisas pequenas, como se somente fossem sentimentais, não possuindo a razão; o machismo inicia-se desse modo, pois os homens imaginam que podem se aproveitar das fragilidades das mulheres.

Desse modo, percebe-se que a mulher desde tenra infância, vem recebendo ensinamentos de “como ser mulher”, ou seja, as mães ensinam as filhas a fazerem os trabalhos domésticos, a se portar de um modo como uma moça deve ser, que ela tem de se preocupar com o que a sociedade vai pensar de suas atitudes. Já os meninos fazem mais os serviços da roça, chegam em casa com seu pai e esperam o jantar, sem ajudar na lida da casa. Eles repetem o comportamento paterno e as mães não exigem que eles dividam os serviços domésticos.

A opressão de gênero começa a partir de quando a sociedade vê que o trabalho da mulher na lavoura, com o tirar o leite ou na casa, gera renda; porém, a maioria das vezes os homens preferem ver o trabalho que a mulher exerce como não rentável, pois não é dado o seu devido valor levando em consideração, que é ela quem alimenta a família, faz o serviço doméstico, trabalha na roça, cuida da saúde familiar, trata dos animais. Porém, quem detém o controle do dinheiro é o homem, na sociedade capitalista; a mulher camponesa tem pequeno e delimitado espaço até quando precisa comprar um batom ela tem que pedir o dinheiro para o marido. Desse modo a mulher se torna dependente de seu marido para qualquer decisão que venha a tomar.

Bourdieu (1998) destaca a influência da mídia sobre a opressão de gêneros, o quanto as mulheres na sociedade são menosprezadas diante de vários espaços que ocupam, pois, segundo ele:

nos tablados das televisões, as mulheres estão quase sempre acantonadas nos papéis menores, que são outras tantas variantes da função de "anfitriãs", tradicionalmente atribuídas ao "sexo frágil"; quando elas não estão à frente de um homem, a quem visam a valorizar e que joga muitas vezes, por meio de gracinhas ou de alusões mais ou menos insistentes, com todas as ambiguidades inscritas na relação "casal", elas têm dificuldade de se impor, ou de impor a própria palavra, e ficam relegadas a um papel convencionalizado de "animadora" ou de "apresentadora". Quando elas participam de um debate público, elas têm que lutar, permanentemente, para ter acesso à palavra e para

manter a atenção, e a diminuição que elas sofrem é ainda mais implacável por não se inspirar em má vontade explícita e se exercer com a inocência total da inconsciência: cortam-lhes a palavra, orientam, com a maior boa-fé, a um homem a resposta a uma pergunta inteligente que elas acabam de fazer (como se, enquanto tal, ela não pudesse, por definição, vir de uma mulher). (Bourdieu. 1998 p. 73,74)

A mídia de certa forma também contribui para que a opressão das mulheres esteja presente; como ela possui o poder de fomentar o consenso na sociedade, suas expressões de machismo ficam naturalizadas. Cabe as mulheres não submeter-se a isso e ir em busca de igualdade. No entanto, o princípio da igualdade é garantido por lei e uma vez em que a mulher se sinta oprimida ela deve partir para exigir seus direitos de cidadã e mulher, visto que nos dias atuais há de várias formas de se manifestar.

É necessário e premente que a igualdade de gêneros não fique somente em discursos bem-feitos, no papel. É preciso que ela se faça presente, na realidade do dia a dia e que os dois gêneros sejam tratados com igualdade em qualquer espaço da sociedade, inclusive em assentamentos da reforma agrária que se originam das lutas sociais de mulheres e homens pelo acesso à terra e vida digna.

3. CAPÍTULO II: UM OLHAR SOBRE O PATRIARCADO AO MATRIARCADO, AO MACHISMO E A MISOGINIA

São 4 os conceitos básicos a serem tratados neste capítulo: matriarcado, patriarcado, machismo e misoginia. Pode-se considerar o patriarcado e o machismo como conceitos são muito próximos e o segundo decorrente do primeiro. O machismo é uma consequência do patriarcado. O matriarcado será apresentado como uma realidade que existiu na história da humanidade e existe em pouquíssimos locais como em uma aldeia da Indonésia, uma na China e uma na Costa Rica.

Ao tratar de patriarcado e o não empoderamento das mulheres não tem como não tratar de machismo. O matriarcado é que se contrapõe a eles dando espaços a mulher, no meio social e familiar.

O machismo e o patriarcado estão presentes na sociedade e às mulheres muitas vezes consentem com isso, ou são educadas para a submissão, cabendo-lhes apenas o serviço doméstico, o educar os filhos ou cuidar dos enfermos.

Marcia Tiburi (2018) entende que o patriarcado é uma relação de poder que os homens têm sobre as mulheres. Porém, cabe às mulheres ocuparem seu lugar de fala e de poder, para que possam se expressar suas opiniões e serem ouvidas;

Aspectos heteroconstruídos, signos de opressão, são vistos do ponto de vista da sujeição vivida. Daí a importância da “fala” como expressão e autoexpressão no contexto do poder. O patriarcado, versão de gênero do capitalismo e do racismo, sempre privou as pessoas de sua expressão própria”. (Tiburi, 2018, p. 54).

A importância fundamental das mulheres exercerem a liberdade de expressão, terem seu lugar de fala e serem respeitadas ao se manifestar. De pouco adianta a mulher ter voz em uma reunião e ser ignorada sua fala pelos presentes, isso se torna uma forma de falsa ideologia de gênero, só discursos mas na realidade não respeitam a opinião das mulheres

O matriarcado, era um sistema de organização da sociedade, na qual as mulheres eram quem comandavam a sociedade, tanto dentro quanto fora do âmbito familiar, tinham espaços de fala e o comandavam, (Macedo, 2008). Levando em consideração que no matriarcado as mulheres é que estavam na frente das decisões da comunidade e da família. Esse é um aspecto

importante a ser tratado. É necessário verificar porque o matriarcado deixou de estar presente na sociedade abrindo espaço para o patriarcado.

Porém, o matriarcado com o passar dos anos deixou de ser conhecido dando espaço para o patriarcado, o qual se encontra presente fortemente, nos dias atuais. Argumentar a respeito desses dois aspectos não é tarefa fácil, pois discutir o patriarcado como forma de discriminação das mulheres pode gerar controvérsias e conflitos de posições. Muitas vezes, porém pela educação que receberam as mulheres a acomodação fala mais alto e elas não se percebem marginalizadas, ou não se importam tanto com essa situação. Elas se acomodam em uma zona de conforto, mesmo que para outras pessoas isso seja uma forma de opressão

A questão da destituição do matriarcado dando lugar ao patriarcado vem da questão da propriedade privada e do cercamento das terras, pois pela força física os homens tomam as decisões das famílias. No livro “Os excluídos da história” (Perrot, 1988) traz que no entanto a opressão das mulheres também acontece com o casamento burguês que foi a chave dessa situação. As mulheres passam do pátrio poder do pai para o jugo dos maridos.

Para tratarmos do patriarcado, atualmente e o matriarcado sendo uma realidade distante, não tem como não citarmos o machismo, cada vez mais presente:

Na argumentação de Tiburi (2018)

O machismo é um sistema de crenças em que se aceita a superioridade dos homens devido à sua masculinidade e se aparece em uma mulher, ela é rechaçada e criticada. O machismo reserva a masculinidade para si e age contra as pessoas que não são masculinas. A feminilidade, por sua vez, é um caráter reservado as mulheres e, quando manifestada por homens, é tratada como um erro de natureza. O patriarcado depende da ideia de natureza que defende a existência de apenas dois sexos, cujos comportamentos foram programados”. (Tiburi, 2018, p.63).

Para Marcia Tiburi, a dita feminilidade das mulheres torna-se uma construção social para as tornar mais sensíveis, mais delicadas, com um padrão típico de comportamento estabelecido. Porém, é assegurado aos homens com sua masculinidade maior importância para a sociedade, em qualquer âmbito, pois *representam* ‘força’ física e intelectual para compor qualquer espaço.

Segundo essa autora, um aspecto necessário a respeito do patriarcado é

Desmontar a máquina misógina patriarcal é como desativar um programa de pensamento que orienta nosso comportamento. O patriarcado é um verdadeiro esquematismo do entendimento, um pensamento pronto, que nos é dado para que pensemos e orientemos a nossa ação de um determinado modo, sempre na direção do favorecimento dos homens brancos e de tudo que sustenta seu poder”. (Tiburi, 2018, p. 41).

Dessa forma o machismo é visto como um dos maiores preconceito contra as mulheres e a principal e maior forma de oprimi-las. Há formas de combatê-lo, mas pouco é tratado na realidade para excluir essas formas de opressão.

Cabe ressaltar que o principal viés dessa pesquisa é mostrar formas de como as mulheres são oprimidas e como combaterem essa opressão nos assentamentos. Porém, para que não haja o machismo a principal forma de combatê-lo é a conscientização dos gêneros, para que o homem não se sinta superior e o outro assuma a condição de inferioridade, para que as mulheres não abaixem a cabeça e assumam a sua luta pelo poder e pela sua autonomia.

O machismo é algo a ser analisado, pois as mulheres vem sendo discriminadas e menosprezadas, pensando nisso, Cortes, Silveira, Dickel, Neubauer (2015) argumentam que

Desde data incerta, as mulheres vêm sendo vítimas de discriminação de gênero e também de violências diversas, porém, começaram a se manifestar na busca de um maior reconhecimento de igualdade mediante lutas de gênero que tiveram origem em movimentos sociais, durante a revolução industrial francesa, e demonstraram, para a sociedade, depois de muitos anos de regime patriarcal, que as mulheres poderiam e deveriam lutar por no mínimo direitos iguais. Essas lutas se perpetuam até a contemporaneidade, em que, apesar de muitos acreditarem que não haja mais preconceitos a combater, sabemos que a realidade não se apresenta dessa forma. Todos os dias há mulheres mortas, humilhadas, ameaçadas, fragilizadas, por homens e pelo Estado”. (Cortes, Silveira, Dickel, Neubauer. (2015, p.4).

O machismo está presente desde data incerta. Pensando nisso temos a problemática de como poder desconstruir esta situação, começando pelas mulheres, pois, analisando casos de machismo, derivados do patriarcado percebe-se que, o menosprezo é por conta do modo de educação do feminino e do masculino.

O preconceito para com as mulheres ainda está presente, mesmo com todo o discurso de construção de uma sociedade igualitária e justa; A vulnerabilidade das mulheres encontra-se presente na sociedade atual, isso é incontroverso.

São inúmeros os espaços em que notamos que as mulheres são marginalizadas na sociedade, no entanto obtemos só discursos de igualdade de gêneros, tanto em espaços

familiares, no campo, nos movimentos sociais populares, no mercado de trabalho e nas relações sociais.

No campo, o preconceito com as mulheres é visivelmente notado, com a questão do patriarcado. As mulheres fazem todos os trabalhos na lavoura, no trato dos animais, nos afazeres domésticos, no cuidado da saúde da família, mas são os homens que cuidam dos negócios e das finanças da família e as mulheres apenas acompanham, como expectadoras. Muitas nem palpites podem dar para decidir na questão financeira que elas mesmas contribuem.

Marcia Tiburi traz em seu livro 'Feminismo em comum' (2018) pontua também vários aspectos da misoginia, pois o ódio às mulheres possuem algumas manifestações muito presente na atualidade, na sociedade brasileira, como a não presença feminina em espaços de liderança, as mulheres não terem espaços de fala, também o mais triste fato que caracteriza a misoginia que é a violência contra o gênero feminino, entre outros.

São poucas as mulheres que ocupam papéis de liderança, cabe então verificar se essa não liderança feminina é resultante da educação familiar, escolar e religiosa recebida, do preconceito presente na sociedade que as intimida ou da acomodação das mulheres para que isso não aconteça.

Na escola vale salientar que nas instituições de ensino, na atualidade, as estudantes em sua maioria é mulheres. Nesse sentido pode-se perceber que a mulher vem ganhando espaço, nesse âmbito.

A violência simbólica, contra as mulheres, impondo ser ela como o sexo frágil, subliminarmente enfatizando ser ela com menor inteligência, com comentários e piadas maldosas, aceitas pelo senso comum com naturalidade, tais como o olhar de desprezo quando se vê uma mulher em espaços de liderança, a tentativa menosprezar as mulheres em qualquer espaço seja familiar, religioso ou no trabalho.

Na dominação dos homens sobre as mulheres. Muitas se calam nessa situação, às vezes por medo ou até mesmo por insegurança de se impor contra o marido, namorado ou qualquer que seja sua relação com ele, e nas comunidades rurais este "calar-se" torna eloquente o patriarcado e o machismo.

3.1 O EMPODERAMENTO FEMININO

Na busca pela autonomia feminina percebe-se que ao longo dos anos mesmo que seja pouco, vem aumentando, não alcança níveis que podem ser alcançados, mas estamos caminhando a passos largos pela busca de uma sociedade igualitária em questão de gênero.

O empoderamento feminino na perspectiva de acabar com o machismo, está fazendo com que o mesmo não se concretize mais de forma tão explícita. Cabe às mulheres buscarem o seu espaço perante a sociedade, pois como argumentam Heffer, Silva (2016, p.7)

A independência da mulher é fator altamente importante para sua libertação. Essa, por sua vez, é determinante para a iniciativa individual e para a eficácia social, que melhoram o potencial da pessoa para cuidar de si mesma e para influenciar o mundo, no momento em que participa, verdadeiramente, dos destinos e dos rumos da comunidade como agentes de desenvolvimento e não, pacientes”. (Heffer, Silva, 2016, p. 7).

Aspectos importantes a respeito do empoderamento da mulher devem ser cada vez mais estar presente em seu universo; esse empoderamento feminino encontra-se presente na realidade de algumas famílias na sociedade. Porém, nem sempre é encarado de forma positiva.

Cabe à mulher não se intimidar perante atitudes que possam menosprezá-las e impor-se de forma com que elas não sejam consideradas o ‘sexo frágil’, mas sim um ser inteligente e com capacidade de comando.

Ao tratar das questões a respeito da opressão feminina, como seu empoderamento, o machismo, o patriarcado, o matriarcado e a misoginia é importante citar um importante movimento que está em presente na atualidade: o feminismo. Antonelli e Brabo (2008) asseguram que o período da ditadura militar de 1964-1985

Foi um momento em que além da luta pela redemocratização, o feminismo também aprofundava o debate sobre a igualdade e a diferença. Entretanto, apesar das especificidades do «ser mulher», as diferentes mulheres estiveram unidas e tiveram uma participação ativa contribuindo para a redemocratização do país, processo esse iniciado na década de 1970, quando em pleno regime militar saíram às ruas na campanha pela anistia, contra a violência, contra a carestia, e, posteriormente, em 1980, pelas eleições diretas, culminando com a eleição de algumas mulheres para a Assembléia Legislativa. O número de eleitas não foi expressivo, 5%, mas, o efeito pedagógico do processo foi positivo, pois além de trazer à luz os problemas das mulheres, foram incorporados na

Constituição de 1988, temas importantes para a vida das mulheres brasileiras, além da igualdade de direitos entre homens e mulheres”. (Antonelli, Brabo, 2008).

O movimento feminista vem lutando pela igualdade de direitos das mulheres, lutando para que as mulheres não sejam vítimas e nem se sintam vítimas de diversas opressões sociais, reivindicando uma posição de igualdade, em uma sociedade que pretende ser justa e igualitária.

Apesar das tentativas de desprestígio e de ser muito julgado socialmente, o movimento feminista vem se fortalecendo cada vez mais pelas suas lutas, pois, as mulheres, apesar de todas as tentativas de dominação e adestramento ao longo dos anos, vem tendo uma postura emancipatória e ocupando cargos de liderança nos assentamentos, nos movimentos sociais populares, e destaque no mercado de trabalho posições essas que antes não eram imagináveis. Nas comunidades assumem as lideranças, comandam as reuniões, e em questões de organização da comunidade.

Bourdieu (1998, p. 46-47) traz uma importante visão sobre a violência simbólica de dominados e dominantes, pois

Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais. O que pode levar a uma espécie de autodepreciação ou até de autodesprezo sistemáticos, principalmente visíveis, como vimos acima, na representação que as mulheres cabilas fazem de seu sexo como algo deficiente, feio ou até repulsivo (ou, em nosso universo, na visão que inúmeras mulheres têm do próprio corpo, quando não conforme aos cânones estéticos impostos pela moda), e de maneira mais geral, em sua adesão a uma imagem desvalorizadora da mulher. A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro, etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto”. (Bourdieu, 1998 p. 46,47)

Esse autor destaca que a dominação sofrida pelas mulheres por não ter voz e serem vistas, com naturalmente ‘dominadas’ pela sociedade machista, constitui-se uma violência simbólica que o dominado pode assumir como sendo algo natural, o seu desapareço, indiferença ao falar e o escárnio dos machistas.

4. CAPÍTULO III-A REALIDADE DAS MULHERES DO ASSENTAMENTO INDIANÓPOLIS: ENTREVISTAS REALIZADAS

Visando os aspectos tratados até então, foram realizadas 5 entrevistas no Assentamento Indianópolis, localizado no Município de Abelardo Luz SC, com seus 25 anos de história, entrevistando 4 mulheres que estão desde o início do assentamento, quando ainda era acampamento e com mulheres que chegaram depois, assim como um homem do assentamento.

Considero importante entrevista com um homem, pois dessa forma podemos ter uma visão de qual a sua visão a respeito da discriminação, também com o intuito de perceber qual a visão do gênero oposto a respeito das mulheres serem líderes.

O objetivo das entrevistas de caráter qualitativo é analisar o papel da mulher no contexto do assentamento, visando suas lutas por autonomia, dentro desse espaço sendo como liderança ou não.

O que mudou para essas mulheres ao longo desses 25 anos de história, tendo em vista que hoje a busca pela autonomia feminina está muito mais presente e temos uma concepção se a questão do empoderamento e liderança das mulheres mudou algo ao longo dos anos ou não.

Pode-se perceber que dentro do assentamento o reflexo da sociedade machista é visível; a busca de autonomia feminina também é um assunto a ser enfrentado; são inúmeras atitudes e conceitos que precisam ser mudados dentro e fora de assentamento um assentamento de reforma agrária.

Passo a relatar e analisar as entrevistas realizadas de junho a outubro de 2019. Inicialmente com as 4 mulheres e depois com um homem. Por questão de preservar o anonimato, os nomes são fictícios.

Ao perguntar qual a visão dela em relação a discriminação de gêneros dentro do assentamento ao longo dos anos, se perceberam melhorias, a resposta de Esmeralda foi “A gente nota que hoje em dia não é mais que nem antes, em relação as mulheres, assim dá pra perceber que o preconceito diminuiu bastante, não que não tenha, mas diminuiu”.

Assim, na resposta de Esmeralda, ela demonstra que houve diminuição no preconceito dentro do assentamento. Não é que não exista, mas diminui. Isso ao longo dos últimos 25 anos.

Já a entrevistada Rosália, respondeu: “Eu vejo que a discriminação tem ainda, as mulheres são vistas como se não pudessem ocupar cargos de liderança na comunidade, no caso aqui da nossa comunidade tem uma liderança mulher, mas o homem que também está na liderança é quem decide mais as coisas”.

Nessa resposta, aparece um elemento novo na pesquisa. A resposta converge que no assentamento há uma liderança feminina na comunidade, porém quem mais decide e detém o poder é o elemento masculino.

Pode-se perceber, nesse sentido, que na visão dessa entrevistada está nítido de que elas não estão sendo devidamente respeitadas com igualdade de gênero, porém ao perguntar se devia fazer alguma coisa para mudar a situação percebe-se que ela encontra-se em sua zona de conforto.

Ao perguntar a respeito das lideranças femininas dentro da comunidade a resposta da entrevistada é animadora, pois sabe que tem uma das lideranças que é mulher, porém com um homem junto.

Dona Justina disse “Temos uma liderança mulher, atualmente na comunidade; a gente nota que ela tem voz na comunidade tanto quanto o homem, a comunidade em geral também a respeita, não vejo que nessa questão tenha muita discriminação.”

Pode ser vago a questão de que em uma pequena comunidade no interior de Abelardo Luz não haver discriminação de gênero. Atualmente é visível, mas posso considerar essa resposta um avanço, visto ela ponderar que a liderança feminina é respeitada na comunidade.

Ao indagar a D. Maria como via a desigualdade de gênero no assentamento ao que ela respondeu “Tava pensando nisso, esses dias e acredito que é por isso que hoje em dia os casais se separam mais que antes, pode notar que tem mais separação que antes(risos), acho que as mulheres não aceitam tanto que nem antes; e para os homens não pode isso e acaba em uma separação, hoje em dia claro que tem esse negócio de o homem mandar mas não é tanto quanto antes”.

A seguir, entrevistei um homem chamado Eustáquio. Perguntei a ele “O senhor acha que tem preconceito dos homens com as mulheres no assentamento, quando ocupam cargos de liderança? são respeitadas e ouvidas tanto quanto os homens?”

O Eustáquio respondeu “Antigamente falar em ter uma mulher no comando de alguma coisa era um absurdo, as mulheres deveriam cuidar da casa, dos afazeres de dentro de casa

comida, roupa, ir na roça, cuidar dos filhos e só, não tinha esse negócio de uma mulher mandar em alguma coisa, tanto em casa quanto na comunidade; até mesmo em casa, pode notar hoje menos do que antes, mas quem cuida do dinheiro da casa é o homem, a mulher ajuda na roça, com o leite, mas o dinheiro vai para o homem se a mulher quiser comprar alguma coisa tem que pedir. Hoje não é mais tanto quanto antes, até temos uma liderança mulher na comunidade e ela é ouvida tanto quanto o homem, eu também não vejo problema nenhum quanto a isso”.

Na resposta de Eustáquio percebe-se as contradições. Ele relata que hoje tem menos preconceito, porém, quem cuida da parte das finanças da família é o homem, mesmo que ela tenha trabalhado com o leite. Ele relata que a mulher “ajuda” na roça, o que é uma falsa percepção da realidade, visto que no campo as mulheres trabalham de igual para igual com os homens, na lavoura. Quando elas precisam comprar alguma coisa tem que “pedir” o dinheiro para os homens.

Quanto a ter uma liderança mulher no assentamento, ele relata que “até temos”, isso parece que é uma concessão que o gênero masculino faz as mulheres. Como assim? Eles até deixam elas ser lideranças!!

Ao fim deste trabalho de pesquisa nota-se que é preocupante termos apenas discursos de igualdade, mas na verdade não está tão presente assim na realidade.

Em praticamente todas as entrevistas nota-se que tanto as mulheres quanto o homem consideram que, atualmente, não se tem tanto preconceito quanto que se tinha antes, as mulheres são mais ouvidas.

Percebo também, que foi tocado na questão familiar de apenas o homem cuidar das finanças da casa, o que significa o poder de decidir onde aplicar ou não o dinheiro. Ainda em muitas famílias ainda se tem o homem no comando e se mulher precisar de algo tem que pedir ao marido.

O fato das mulheres serem vítimas da opressão, tanto em casa quanto na sociedade em pleno século XXI, dá a impressão que somos uma sociedade evoluída em questão de tecnologia, e atrasados no que diz respeito ao preconceito e igualdade de gênero.

Ter uma mulher sendo liderança, tanto de uma comunidade/assentamento ou de um país não deveria ser visto com estranheza, mas sim revezamento de comandos.

Vale salientar que o papel dessa pesquisa não é querer que as mulheres sejam tão autônomas que sejam superiores aos homens, mas sim que estejam em um mesmo patamar, que

se colocar em uma balança tanto homens como mulheres sejam vistos da mesma forma, de maneira igualitária na realidade, não nos discursos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa foi desenvolvida a fim de investigar o papel da mulher no contexto do assentamento da reforma agrária Indianópolis, no Município de Abelardo Luz, estado de Santa Catarina.

Para chegar ao objetivo constou da análise do histórico do Assentamento assim como, o papel das mulheres, sua participação na luta pela conquista da terra e a sua presença ou não na direção desse assentamento. O trabalho de pesquisa pretendeu analisar e entender a história das mulheres do assentamento Indianópolis, bem como suas lutas e opressões que sofreram e sofrem ao longo dos seus 25 anos de história de assentamento.

O interesse em pesquisar sobre discriminação das mulheres dentro do assentamento Indianópolis obteve um resultado não satisfatório, pois nota-se que existe muita discriminação de gênero, em pleno século XXI.

Discute-se tanto o empoderamento feminino, porém ao pesquisar nota-se que não é tão fácil para as mulheres mudarem sua forma de agir e assumir uma posição de comando. Nós, mulheres, não somos educadas para tanto.

Pode-se concluir que as opressões sofridas ao longo desse tempo foi diminuindo; porém não é motivo de acomodação. Há muito por fazer para liquidar a discriminação feminina.

Ao analisar as entrevistas com as mulheres do assentamento Indianópolis pode-se perceber que segundo elas a discriminação entre gêneros vem diminuindo se compararmos com 25 anos passados.

Postos de liderança das mulheres dentro e fora do assentamento vem aumentando, porém há a percepção de que uma mulher no cargo de liderança seja dentro de um acampamento, assentamento ou onde for, não é tão 'aceitável' como deve ser.

Conclui-se então que é aceito que as mulheres ocupem cargos de liderança, porém ligadas a um homem no comando, que é quem na realidade decide. Isso é, na verdade, apenas um simulacro de liderança.

REFERÊNCIAS

ANTONELLI Tânia Suely, BRABO Marcelino **EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA: O PAPEL DO MOVIMENTO FEMINISTA PARA A IGUALDADE DE GÊNERO NA ESCOLA** Faculdade de Filosofia e Ciência, Universidade Estadual Paulista, Brasil, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A DOMINAÇÃO MASCULINA**- 1998, tradução de Maria Helens. 3. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003

CORTES Janaina, SILVEIRA Thiago, DICKEL Flávio, NEUBAUER Vanessa **A EDUCAÇÃO MACHISTA E SEU REFLEXO COMO FORMA DE VIOLENCIA INSTITUCIONAL** Seminário Internacional de Educação no Mercosul, 2015. Disponível em: >www.unicruz.edu.br/mercosul Acesso em 10 de outubro de 2019.

HEFFEL Carla Kristiane Michel, SILVA Vinicius **A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA FEMININA: O EMPODERAMENTO PELO CAPITAL SOCIAL**, 2016. Disponível em ><https://editorarealize.com.br>< acesso em 11 de outubro de 2019.

HRYNIEWICZ Ligia Gonçalves Costa. VIANNA Maria Amorim. **MULHERES EM POSIÇÃO DE LIDERANÇA: OBSTACULOS E EXPECTATIVAS DE GÊNERO EM CARGOS GERENCIAIS**. Cad. EBAPE.BR [online]. 2018, vol.16, n.3, pp.331-344. ISSN 1679-3951.

MACEDO, Marcia dos Santos. **MULHERES CHEFES DE FAMÍLIA E A PERSPECTIVA DE GÊNERO: TRAGETÓRIA DE UM TEMA E A CRÍTICA SOBRE A FEMINIZAÇÃO DA POBREZA** Cad. CRH [online]. 2008, vol.21, n.53, pp.385-399. ISSN 0103-4979. Disponível em: >www.scielo.br< acesso em 10 de outubro de 2019.

MORAES, Erika. **SER MULHER NA ATUALIDADE** Maringá, 2012.

PEROT, Michelle **OS EXCLUÍDOS DA HISTÓRIA** -1988, tradução Denise Bottmann- Rio de Janeiro: Paz e Guerra, 1988.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ABELARDO LUZ SC, **PORTAL DA TRANSPARÊNCIA**> disponível em >abelardoluz.sc.gov.br/transparência/index/codMapaltem< acesso em 26 de agosto de 2019.

SANTA CATARINA. Lei Estadual n.º 348/58. **Altera a Divisão do Estado**. Disponível em: http://leis.alesc.sc.gov.br/html/1958/348_1958_lei_promulgada.html, Acesso em 12/11/2019. (Emancipação do Município de Abelardo Luz).

TIBURI, Marcia **FEMINISMO EM COMUM: PARA TODAS, TODES E TODOS**- 8º ed.- Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2018.